

Os elementos mais significativos da carta:

1. Saber usar a linguagem do amor

- “Mas como reanimar estes meus caros jovens, para que retomem a antiga vivacidade, alegria, expansão?”
- Com o amor!
- Com o amor? Mas os meus jovens não são bastante amados?
- Vejo, sei perfeitamente; mas isso não basta. Falta o melhor.
- Que é que falta, então?
- Que os jovens não somente sejam amados, mas que eles próprios saibam que são amados”.

Portanto, não basta amar; é preciso ao mesmo tempo saber usar a linguagem do amor, sem a qual não há uma válida comunicação educativa. É, certamente, o significado mais transparente da carta, enunciado do grande princípio que poderíamos chamar de “*visibilidade do amor*”. Vivemos, hoje, na cultura da visibilidade: o que não aparece não existe; mas é uma visibilidade que oculta, se não até mesmo anula, o ser da pessoa; é uma visibilidade mortífera; há, também, uma visibilidade vital e vivificante, que é a da caridade; por isso, desde os textos do Novo Testamento, o amor foi associado à luz, irradiação da mesma Luz que é Deus. É preciso, portanto, examinar, aprender, inventar as linguagens do amor, para que se manifeste exteriormente e se torne dom, convite, proposta. Certamente deve ter a raiz no coração, garantia de verdade e eficácia. Mas não basta: as linguagens são também um dado cultural sujeito à evolução do tempo. Não se aprende de uma vez! A linguagem do amor é sempre objeto de “estudo assíduo”, no sentido que Dom Bosco dava a essa palavra: *preocupação, empenho, paixão*. A nossa cultura caracteriza-se também pela desatenção às linguagens do amor, pior ainda, pela distorção das linguagens do amor naturais, sensuais, afetivas, de amizade; por isso, serpeia entre os jovens uma profunda desconfiança: o amor é impossível, o amor é uma fábula, o amor é uma raridade que cabe a poucos privilegiados.

O salesiano deve ser cultor apaixonado das linguagens do amor; lição que aprende não apenas ouvindo a si mesmo, mas também ouvindo o outro: suas necessidades, sensibilidades, possibilidades de expressão e capacidade de aceitação. Hoje, este é – parece-me – o *desafio fundamental do educador*: fazer entender que ele realmente ama, que ama para sempre, que ama tudo o que é humano que surge diante dele e é revelado e modificado com o passar do tempo; demonstrar que ama mesmo diante da rejeição, do esquecimento, da distorção ou do uso oportunista do amor; e levar assim ao convencimento do amor, ou seja, fazer nascer a convicção interior de que somos dignos de amor e que somos, ainda mais, capazes de amar (é a percepção do próprio valor inalienável, o fundamento da dignidade, a raiz de toda autêntica esperança); e fazer intuir (mas isso também é graça) a existência de uma Fonte, que, para mim e para ti, está sempre aberta e disponível, sempre inexaurível em sua inesgotável riqueza.

2. Compreender os jovens

- “Não, repito, isso não basta.
- Que é preciso, então?

– *Que sendo amados nas coisas que lhes agradam, ao participar dos seus gostos infantis, aprendam a ver o amor nas coisas que naturalmente pouco lhes agradam, como a disciplina, o estudo, a mortificação de si mesmos; e aprendam a fazer essas coisas com entusiasmo e amor*”.

Há, portanto, *um elemento de racionalidade que deve intervir*, ou seja, a necessidade de um conhecimento que o educador salesiano deve adquirir e pelo qual deixar-se guiar: *conhecer os jovens, compreender suas situações, seus problemas, suas necessidades para saber enfrentá-los*. Requer-se uma gama ampla de conhecimentos científicos e técnicos para interpretar a série de valores concretamente disponíveis e assimiláveis pelos jovens para um desenvolvimento válido no presente e na perspectiva do futuro.

Muitos educadores insistem no negativo, no problemático, no irracional, no moralmente inaceitável, para confirmar dessa forma que o “não” deve ser firmemente reiterado (alternado, frequentemente, com o permissivismo), e não o “sim” a ser proposto com inteligência (razão), intuição (amor) e coragem combinada com prudência. Daí a animosidade, a distância de segurança, o não escutar, com o natural crescente fosso geracional; a relação torna-se funcional e institucional (quando ainda subsiste) ou é rejeitada, aberta ou sutilmente, com todo o patrimônio de valores que o salesiano tem em si e que ele gostaria (e deveria) de transmitir, se deseja ser e se entende como educador.

Entender a cultura juvenil fundamenta o empenho na formação contínua que permite anular as inevitáveis distâncias entre nós e os jovens. Trata-se da competência pedagógica que, unindo-se com a simpatia e a frequência assídua, permite viver em sintonia com os jovens individuando os caminhos para adentrar nos corações e conquistar para a vida e a alegria. Parece-me ser, este, um aspecto muito carente em certos ambientes salesianos; baste colher a superficialidade com que se comentam as condutas juvenis: não transparece o desejo de *intus legere*, de ler dentro e além do fato; ou baste verificar a dificuldade que temos de apresentar horizontes e projetar itinerário o mais possível adequados às dificuldades concretas e possibilidades não “dos” jovens”, mas “destes” jovens. Porque ainda é verdade que se não se conhece “*o que agrada aos jovens*”, ou seja, o que passa pelo seu mundo interior como interesse, atração, desejo, sonho, dificilmente eles perceberão o valor dos horizontes educativos que propomos e que se referem ao empenho, esforço, dedicação (todos ingredientes do verdadeiro amor!), justamente aqueles que Dom Bosco sugere quando fala de estudo, disciplina, mortificação... “*e aprendam a fazer essas coisas com amor*”.

3. Comprometer-se com a felicidade

“Perto ou longe, eu penso sempre em vós. Meu único desejo é ver-vos felizes no tempo e na eternidade. Esse pensamento e esse desejo é que me levaram a escrever-vos esta carta. São palavras de quem vos ama carinhosamente em Jesus Cristo e tem obrigação de falar-vos com a liberdade de um pai. Parecia-me estar no antigo Oratório na hora do recreio. Era uma cena cheia de vida, movimento, alegria”.

Para amar realmente é preciso *jamaís perder de vista o fim último*, a vocação mais íntima de cada um que é o *chamado à felicidade simbolicamente figurada pela comunidade ideal sonhada por Dom Bosco*. Para Dom Bosco a felicidade é uma via privilegiada de evangelização (“*ver-vos felizes no tempo e na eternidade*”).

Ajuda-nos a entendê-lo um estudo recente intitulado “*Deus e a felicidade*”): “No instante pleno de um momento feliz brilha improvisa e inesperadamente na realidade da vida uma realidade superior. Uma dimensão dotada de um sentido incondicionado irrompe na conduta do homem marcada por muitas contingências. No instante dessa felicidade, o homem se reconhece seguro numa realidade boa que o contempla com benevolência e experimenta a sua vida como uma vida boa e bem resolvida. Apenas nesse momento ele se desperta propriamente para a realidade, uma realidade que supera desde sempre

o que ele imaginou como felicidade e que, por isso, põe sob uma nova luz a sua aspiração à felicidade. Trata-se de uma experiência da transcendência que pode ser descrita como a manifestação do bem. Nessa manifestação está a resposta à questão da fonte em que o homem conhece a dimensão infinita da realidade. Por que, então, ele se sente tocado por uma esfera transcendente? No vasto panorama da experiência religiosa, a experiência vivida da felicidade instantânea é um momento possível em que a transcendência se manifesta no homem. No caso da experiência da felicidade, ele sente alegremente a palavra como dirigida a ele e, questionado de alguma forma, percebe, sente, prevê algo que excede a dimensão da realidade da sua vida. Essa irrupção da transcendência não se apresenta necessariamente como experiência religiosa, mas se presta a uma interpretação religiosa e, em particular, a uma interpretação religiosa especificamente cristã. A sensação de um momento de segurança na realidade remonta, nessa interpretação religiosa, a um fundamento pessoal. A experiência da transcendência é assim interpretada como uma experiência de Deus. Quando o bem se manifesta como instantes plenos, essa manifestação é uma forma de encontro com Deus, que se manifesta para a consciência humana na felicidade do instante, e isso não fica sem consequências. A experiência do instante pleno é um momento dotado de profundidade existencial; é revelado ao homem um conhecimento que se refere à sua vida envolvendo-o profundamente. Nessa profundidade existencial está o elo de conexão, em que a felicidade instantânea se torna importante para a aspiração do homem à felicidade. Na satisfação de um instante, o homem experimenta que essa satisfação é de natureza diversa daquela que ele havia imaginado. Pode acontecer naturalmente que desejos e planos realizados sejam inferiores às expectativas anteriores... Ele prevê que o sucesso da sua vida é algo que vai além da realização dos seus desejos; sente que sua vida é boa sem concorrer para isso; experimenta de uma maneira existencialmente profunda que a sua felicidade é maior do que ele, maior dos seus planos, desejos, ação, e justamente isso transforma o seu desejo”.

Se para Dom Bosco a felicidade é um caminho que abre para Deus, o salesiano deve lidar bem com essa realidade. Deixa de amar quem não busca a felicidade, própria e dos outros. Isso hoje é um problema sério, devido ao grande equívoco lançado pela cultura em relação à felicidade; devido ao eclipse da serenidade, da alegria da vida, da simplicidade que faz apreciar as pequenas coisas; devido à disseminação de síndromes depressivas, distúrbios de relacionamento, fugas da realidade, compensações neuróticas; devido ao ofuscamento da esperança e da preocupação com a história gerando pessimismo, atitudes defensivas, recusa de viver e regozijar-se. Não sendo apaixonado pela felicidade, como pode o salesiano despertar em todos os jovens essa energia latente, educá-la e direcioná-la à própria fonte de felicidade que é o Deus da alegria?

4. Estar presente

“Familiaridade com os jovens especialmente no recreio. Sem familiaridade não se demonstra afeto e sem essa demonstração não pode haver confiança. Quem quer ser amado deve demonstrar que ama. Jesus Cristo fez-se pequeno com os pequenos e carregou as nossas fraquezas. Aí está o mestre da familiaridade!”

A atenção, portanto, às necessidades, não menos que aos fins, torna-se presença total, representada emblematicamente pelos educadores como alma do recreio; diríamos alma da convivência pedagógica. É a aplicação óbvia do princípio da visibilidade, não retórica, do amor. Não basta “viver para”, é necessário “estar com” os jovens. A distância entre nós e os jovens é certamente cultural quando geográfica, ou seja, quando nos distanciamos deles porque não estamos mais entre eles. Há o risco de que o esforço para os entender e acompanhar na descontinuidade de seus gostos e atitudes, a necessidade de garantir papéis diretivos e organizativos, a idade e os achaques, a enorme quantidade de trabalho, tantos fatores tirem, aos poucos, de nós o desejo e extinga o compromisso de estar com eles, entre eles. Está em crise o conceito básico de que a assistência salesiana deve ser entendida não apenas como exercício de vigilância, mas como compartilhamento cordial e ao mesmo tempo vigilante e atencioso, criando um vínculo de familiaridade entre educador e educando, permitindo a ajuda e o apoio sempre necessários para um caminho saudável de crescimento em vista da maturidade (função de apoio própria da verdadeira educação).

Contudo, *estar com os jovens significa estar presente não só e nem tanto fisicamente, quanto cordialmente, arriscando-se na relação dialógica*. Dialogar não é a simples conversa com outra pessoa para expor suas convicções; nem mesmo discutir para afirmar e defender as próprias posições. O diálogo é a prática discursiva em que pensamos juntos para buscar uma concordância sobre uma determinada questão. O diálogo é uma relação de cotejo sincero com os jovens que são confiados a nós, e o princípio ético que o inspira é a capacidade de cooperar. A verdade que nos ensina é que, antes de dialogar com os jovens, somos chamados a cultivar um profundo diálogo interior conosco mesmos. Estar com o outro surge do “secum stare”, daquele estar consigo mesmo que torna possível a gramática da comunicação, que Manzoni resumiu em cinco verbos: *observar, escutar, comparar, pensar, falar*. Observar-se para poder observar; escutar-se para saber escutar; pensar sobre si mesmo para saber pensar; falar consigo mesmo para poder falar. São as chaves para estar presente não apenas na realidade física, mas também e acima de tudo na realidade humana. *Não basta estar fisicamente no meio dos jovens, se não nos habilitamos para a capacidade de contato com a realidade deles*; talvez seja esta a primeira e principal ascética do educador. Só a partir da interioridade cultivada nascem capacidades e a vontade de dialogar com os jovens, para tirá-los da superficialidade que os debilita e convidá-los para a profundidade que os constitui, graças à troca, o confronto, precisamente o diálogo.

5. Superar os formalismos

"Tudo então era alegria para mim. Os jovens corriam ao meu encontro, para falar-me; ansiavam por ouvir meus conselhos e pô-los em prática. Quem sabe que é amado, ama; e quem é amado alcança tudo, especialmente dos jovens. A confiança estabelece uma corrente elétrica entre jovens e superiores. Os corações se abrem e dão a conhecer suas necessidades e manifestam seus defeitos. Por que se quer substituir à caridade a frieza de um regulamento? Por que se afastam os superiores da maneira de educar que Dom Bosco ensinou? Por que ao sistema de prevenir com a vigilância e amorosamente as desordens, se vai substituindo pouco a pouco o sistema, menos pesado e mais cômodo para quem manda, de impor? O superior seja tudo para todos, sempre disposto a ouvir qualquer dúvida ou queixa dos jovens, todo olhos para vigiar-lhes paternalmente a conduta, todo coração para procurar o bem espiritual e temporal dos que a Providência lhe confiou".

Se antigamente, regulamento e disciplina, mal-entendidos e mal administrados, podiam criar frieza e distância entre educadores e jovens, hoje é exatamente o contrário. Existe uma familiaridade que nada tem a ver com o que Dom Bosco entendia, porque se trata de negligência, desinteresse, juvenilismo, deterioração do desejo, falta de respeito. Mas se trata de uma indiferença que nasce da mesma raiz: facilitar as coisas economizando no trabalho educativo. Cria-se assim uma nova e não menos funesta distância porque se altera a relação educativa, privando o jovem de um guia e do necessário papel da autoridade, imprescindível para o seu desenvolvimento. Faltando modelos significativos de referência compromete-se o processo de identificação e, portanto, de amadurecimento. As relações em grupo também não bastam: fazer grupo só para fazer algazarra, repassar tarefas, comer pizza, priva os jovens de experiências, cotejos, histórias, desilusões, esperança. As potencialidades que os jovens têm dentro de si são enormes, mas estão sepultadas sob a confusão dos sentimentos, dos instintos, das raivas, dos sonhos. Essa confusão enorme é amplificada em parte pela fragilidade das figuras paternas.

Normalmente, as novas gerações, para ter algum espaço, deveriam enfrentar os pais dialogando, discutindo, se não até mesmo brigando. A rebelião contra os pais é terapêutica, libertadora e redime os filhos da infância e das autolesões sem sentido. Mas estamos assistindo a uma crise generalizada de verdadeira paternidade, isto é, de prestígio e autoridade que intervêm quando necessário. Aos olhos de muitos filhos os pais já não são um muro, mas uma almofada delicada. Para esses jovens, nós salesianos devemos assumir a paternidade na sua função tranquilizadora, mas também de defesa em vista dos bens vitais e valores que acreditamos humanizantes para nós e para eles. Se os adolescentes são torrentes em cheia, não é rebaixando as margens que os ajudaremos a descer para o oceano, mas as elevando e reforçando. Pensemos no valor das regras, da limitação à proibição; uma tarefa cansativa porque comporta, às vezes, conflito, rejeição, represália; mas será possível e salutar se for feita a decisiva passagem que vai do “me querem bem” ao “querem o meu bem” até “é um bem também para

mim”. Isso só será possível se a relação pessoal e o ambiente educativo forem altamente positivos, o que Dom Bosco chamava de “espírito de família”.

6. Compartilhar a ação

“Via-se que entre jovens e superiores reinava a maior cordialidade e confiança. A familiaridade gera o afeto e o afeto produz confiança. Isso é que abre os corações... se prestam docilmente a tudo o que porventura lhes mandar aquele de quem têm certeza de serem amados... o afeto é que nos servia de regra, e nós não tínhamos segredos para o senhor... Antigamente, os corações estavam todos abertos aos superiores, a quem os jovens amavam e obedeciam prontamente”.

O amor torna-se, nas duas direções, encontro, confiança, colaboração cordial ativa. Se não se chegar à colaboração (indicada por Dom Bosco com o nome de obediência), ao envolvimento dos jovens na responsabilidade educativa, ao protagonismo orientado, fruto de abertura e confiança, isso pode significar que foi bloqueado o dinamismo do amor, afastando o jovem por falta de confiança. Um dos parâmetros para descrever a atual condição juvenil é o da confusão ou o da incerteza; elementos que formam a precariedade que dá lugar à insatisfação. Contudo, a único caminho para sair da incerteza e da confusão é a decisão de o indivíduo ser ele mesmo, através da aceitação convicta da própria liberdade e, portanto, da própria responsabilidade: ser estimado, ser reconhecido, poder exprimir-se; e, portanto, dar razão a si mesmo, antes que aos outros do que é, faz, projeta, sonha.

O acompanhamento educativo sabe captar a expectativa, sempre frágil e contraditória, de favorecer os movimentos de conscientização e comprometimento dos jovens, as iniciativas de conscientização e empenho, o desejo de estar presente e ativo no próprio ambiente. Quando, por outro lado, o desejo de ser e de fazer está em crise, dando lugar a um mundo de aparências, esquecimento, abandono de si, quando as novas gerações não se sentem ajudadas e estimuladas a agir com responsabilidade, tende a predominar o medo de não corresponder às expectativas, a ansiedade de não conseguir enfrentar a concorrência, a tendência de se misturar à massa, de não se expor, de não tentar. Cria-se uma condição generalizada de apatia e falta de motivação abrindo caminho para os desvios mais devastadores (se “eu não valho” – porque ninguém me deu a oportunidade de encontrar-me comigo mesmo e com a realidade – então eu me descarto). O salesiano favorece o protagonismo juvenil justamente porque aposta nos valores essenciais da própria identificação e do próprio planejamento, ao mesmo tempo em que favorece uma socialidade que se torna paradigmática criando mentalidades e gerando estilos de vida, em vista do *cidadão honesto* que caminha juntamente com o *bom cristão*.